



As cantigas de roda em tempos de alta modernidade

Raimunda Nonata Fortes Braga¹

Eliane Freire de Oliveira²

Resumo

Este artigo aborda a temática das *cantigas de roda* em tempos considerados de alta modernidade. Focaliza as *cantigas de roda*, como práticas culturais ressignificadas em tempo social atual. Para realizar tais reflexões tomou-se por referências as obras de Anthony Giddens; Berger e Luckman; Renato Ortiz; Câmara Cascudo e de Jurado Filho, bem como, as obras de referências e referentes de outros pesquisadores. A referência anunciada possibilitará uma compreensão acerca da alta modernidade e de suas consequências sobre as práticas culturais como as *cantigas de roda*, que se constituem em espaços de socialização.

Palavras-chave: Cantigas de roda. Alta modernidade. Intencionalidade. Subjetividades.

As rhymes in times of high modernity

Abstract

This article discusses the theme of nursery rhymes in times considered high modernity. Focuses on the rhymes, as cultural practices resignified current social time. To perform such reflections became references for the works of Anthony Giddens; Berger and

¹ Mestranda em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais pela Universidade de Taubaté.

² Doutora em Ciências da Comunicação e professora do mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais pela Universidade de Taubaté.
Recebimento: 07/06/2012 • Aceite: 21/07/2012

Luckman, Renato Ortiz; Chamber Krab and Jurado Son and the related reference works and other researchers. The reference announced enable an understanding of high modernity and its consequences on cultural practices such as nursery rhymes, which constitute spaces of socialization.

Keywords: Songs wheel. High modernity. Intentionality. Subjectivities.

Introdução

O processo de desenvolvimento do homem está intimamente ligado à satisfação de suas necessidades, experiências, formas de agrupamento e de convivência com o outro e com mundo. Os indivíduos e seus grupos de pertencimentos, para sobreviver utilizam-se de mecanismos individuais e coletivos para legitimarem as suas práticas histórico-culturais e suas relações com os contextos locais e globais.

Neste sentido, muito das experiências vividas pelas gerações passadas e presentes tem se materializado nos jeitos de ser, de agir e de habitar dos indivíduos e dos grupos. Assim sendo, por meio da linguagem, atitudes e das subjetividades produzem significados e fazem valer particularidades presentes nos saberes e fazeres próprios das práticas sociais e culturais de seu grupo e de outros grupos.

Assim pode-se dizer que os discursos acerca das peculiaridades presentes nas práticas culturais de grupos de pertencimento ou não, trazem em sua constituição ecos, na medida em que estão impregnadas de sentidos e atitudes.

Com relação a esses aspectos, a força da globalização cultural e mercantilista transformou e redimensionou a vida das pessoas seja das pequenas cidades ou grandes metrópoles, considerando que o local e o cotidiano foram invadidos por diferentes modos de vida, de ocupações, ritmos, motivações de povos, de outras realidades, culturas e parâmetros sociais. Tudo isso, mobilizados pela fluidez das redes sociais e pela virtualidade do espaço cibernético que nas últimas décadas tem viabilizado as grandes revoluções humanas e tecnológicas.

Neste artigo procurou-se compreender e refletir a coexistência das *cantigas de roda* em tempo social considerado por Giddens de *alta modernidade* () a sua relação com a

tradicionalidade e modernidade através dos itens TEMPOS ALTA MODERNIDADE: tempo, espaço e subjetividades; Discutindo os saberes das práticas culturais e as suas intencionalidades e CANTIGAS DE RODA - MEMÓRIAS E AUTORIAS.

Assim, pode-se observar nas letras das cantigas de roda - Pombinha voou voou e Fui ao tororó -, fazem alusão à vida da comunidade e de que maneira as crenças, os valores, os desejos, amizades e punições são referenciados nos locais e espaços de convivência.

2 Tempos de alta-modernidade: tempo, espaço e subjetividades

A modernidade aqui entendida através do mundo contemporâneo é fruto da Idade Moderna, que tem em seus argumentos a organização do Estado e a crença de que o conhecimento científico proporcionaria ao homem a sua tão esperada emancipação, bem como a realização dos ideários das sociedades modernas de liberdade e satisfação das necessidades básicas pelo acentuado avanço das tecnologias da comunicação e da informação.

Nessa perspectiva, o homem moderno rompe com o culto às divindades, com padrões, normas e leis preestabelecidas, e, ao conduzir os seus próprios crédulos, passa a tomar conta de si mesmo, o que Weber (2004) denomina de “desencantamento do mundo”.

As inovações tecnológicas e a globalização como propulsoras das transformações sociais penetram de maneira virtual na individualidade e na subjetividade das pessoas, estando elas, conectadas ou não. Os indivíduos e as instituições sociais, neste sentido, mesmo que oriundos das mais longínquas localidades têm o seu modo de vida invadido pelos modelos globais. Para Giddens(1991, p.10):

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana.

O efeito desse discurso provoca o debate acerca das consequências da modernidade incidir na perda total da tradicionalidade. Segundo Cascudo (2012, p. 26),

Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastores, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandangó, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da Literatura Oral.

Nessa perspectiva, a relação do sujeito com o mundo e o seu entorno é resultante de suas identificações singulares, crenças e valores culturalmente compartilhados no passado, presente e futuro, e é construído nas experiências coletivas com os grupos de pertencimento. Portanto, como pode as transformações sociais oriundas da modernidade apagar a memória coletiva de um povo, de uma região, de uma geração, de um tempo? Compreende-se que a modernidade pode até ter sido capaz de suplantar a tradição nas metrópoles, entretanto, os elementos característicos da literatura oral, folclórica, como: “antiguidade, persistência, anonimato e oralidade”, como afirma Cascudo, (2012, p.22), ainda persistem, porque são originários do povo, e que, em lugares distantes dos centros urbanos, ainda resistem e se renovam a cada geração.

A ‘tradição’ é defendida por Cascudo como ‘transmissão’. Segundo Souza, (2007, p.147) “Transmissão de milênios. O estudo da tradição por ele efetuado tem exatamente este sentido: resgatar elementos milenares no que é contemporâneo, demonstrando a universalidade de crenças e costumes que se escondem sob o manto do regional”.

As consequências dessa condição de modernidade são a produção da artificialidade, da plasticidade dos ambientes construídos, que modificam as paisagens naturais, influenciam as relações de convivências e determinam novas formas de socialização.

Giddens (2002, p.38), declara que:

A modernidade pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais.

A modernidade e a tradição se constituem oponentes. A natureza, neste contexto, passa a ser subordinada pelo homem. Conforme Giddens (2002, p.154), “ a vida humana vai se separando da natureza à medida que se desenvolve em locais criados pelo homem”.

Sendo assim, o saber local e suas peculiaridades, as manifestações espontâneas da cultura popular, têm o seu espaço diminuído no cenário e, por vezes, propositadamente esquecido. Como as cantigas de roda, nomeadas por Cascudo (2012, p.9) como: “brincadeiras do folclore dançadas ou cantadas que apresentam melodias e coreografias simples”.

Neste sentido, a alta modernidade, ao mesmo tempo em que ampliou o progresso da ciência e das inovações tecnológicas, também, descaracterizou, uniformizou, racionalizou e universalizou o tempo, os riscos e perigo, redefiniu hábitos, costumes e reorganizou-se no tempo e espaço para corresponder às demandas impostas pelas sociedades modernas.

De acordo com Giddens (2002, p.16), as “[...] escolhas de estilo de vida, no contexto das inter-relações local-global, [...] clamam por formas de envolvimento que novos movimentos sociais pressagiam e ajudam a iniciar”.

O impacto dessas escolhas, promovidas pelos sistemas abstratos e peritos - organizações financeiras, políticas, militares, governamentais, famílias, religiosas, educacionais -, impõe qualidade em suas ações e produções, realinhando-as e adequando-as às necessidades dos contextos sociais e naturais, para que possam suportar às pressões ambientais, manter o equilíbrio e atender às exigências do mundo moderno.

Nesse contexto, as escolhas assumidas pelos indivíduos como importantes frente à satisfação de suas demandas exigem esforços, enfrentamentos de situações nem sempre estáveis e decisões a serem assumidas às vezes causam inquietações.

Tais situações de dificuldades podem ser vividas, principalmente, “[...] pela importância da escolha dos estilos de vida. Uma pessoa pode refugiar-se num estilo de vida tradicional ou preestabelecido como meio de aliviar as ansiedades que de outra maneira poderiam afligi-la”. (GIDDENS, 2002, p.169)

As pessoas vivem no local e se acostumam a ele, com limitações impostas pelos contextos temporais e espaciais. Contudo, podem mudar a forma como vivem, relacionam-se e se

comunicam. Através das influências e das experiências recebidas do lugar e as impostas pelos meios de comunicação de massa, podem também transformar a realidade social vigente de seu lócus e do universo.

Neste aspecto, a modernidade ao mesmo tempo em que despedaça, também unifica, integra, tanto no nível da pessoa quanto do planeta, do universo. A intensidade dessas mudanças gera impactos nos espaços de convivências, tanto para os indivíduos que estão próximos, quanto para os que estão distantes dos acontecimentos sociais e/ou culturais.

Segundo Giddens (2002, p.175), os:

Eventos distantes podem tornar-se tão familiares ou até mais familiares que influências próximas, e podem ser integrados nos quadros de referências da experiência pessoal. [...] Um indivíduo pode conhecer a aparência, personalidade e as políticas de um líder mundial que as de seu próprio vizinho. [...] Uma pessoa pode estar mais familiarizada com o debate sobre o aquecimento global do que com o porquê do vazamento da torneira da cozinha.

A bem dizer, mesmo se estando em tempos de alta modernidade, as gerações continuam habitando em suas localidades, entretanto conectadas e interagindo com o mundo. Mesmo quando o seu deslocamento não é possível, elas se encontram fixadas em seus lugares e em contextos diferenciados, pertencentes a um tempo e espaço. Coexistem mediadas pela mídia impressa e eletrônica que encurta as distâncias, divulga e aproxima, simultaneamente, o específico e o global do indivíduo e da coletividade.

Diante de suas necessidades cotidianas, o indivíduo vê-se impelido a buscar identificações, a fazer escolhas, a adotar atitudes diante de que lhe é imposto e do que é próprio de suas subjetividades. Conforme Giddens (1991, p.79), o indivíduo “re-ordena o tempo e o espaço e re-alinha o local com o global”.

Desse modo, pode-se falar em identificação ou identificações em um mundo permeado pela alta modernidade, em que os indivíduos se vêem diante do contexto em que se situam, entre o global e o local, e a multiplicidade de escolhas que orientam as suas subjetividades?

Geertz, (2001, p. 197), afirma que

[...] À medida que o mundo se torna mais rigorosamente interligado, econômica e politicamente, que as pessoas se deslocam de maneiras imprevistas, apenas parcialmente controláveis e cada vez mais maciças, e que novas linhas são traçadas enquanto as antigas se apagam, o

catálogo de identificações disponíveis se expande, contrai-se, muda de forma, ramifica-se, involui e se desenvolve. [...] alteram-se em seus laços, seu conteúdo e seu sentido.

Por isso, entende-se que o olhar observado a partir de uma única via, pode se identificar apenas um elemento de uma realidade em particular, em meio a tantos olhares demonstrados, ao passo que, a partir de uma visão alargada, podem-se fazer identificações variadas, reconhecidas nos entrecruzamentos da realidade dos diferentes grupos sociais.

Assim sendo, as questões sobre subjetividades assumem importância singular, porque se constituem categorias recorrentes nas mais variadas narrativas biográficas e autobiográficas e se processam na comunicação social interna e externa dos indivíduos e/ou do grupo de pertencimento.

A esse respeito, faz-se o uso das palavras de Santos (2011, p.142) quando afirma que, [...] o processo de globalização acaba tendo, direta e indiretamente, influência sobre os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. [...] Uma das consequências de tal evolução é a nova significação da cultura popular, tornada capaz de rivalizar com a cultura de massa.

Neste sentido, a celeridade dos tempos modernos provoca o aparecimento de novas formas de comportamentos, atitudes e de sociabilidades, que passam a integrar e, por vezes, determinar a vidas das pessoas nas mais diferentes culturas. De acordo com Ortiz (2006, p.134), a

[...] cultura popular é considerada como heterogênea, as diferentes manifestações folclóricas, [...] não partilham um mesmo traço em comum, tampouco se inserem no interior de um sistema único. [...] A cultura popular é plural, e seria talvez mais adequado falarmos em culturas populares. [...] A memória de um fato folclórico existe enquanto tradição e se encarna no grupo social que a suporta.

Ao que permite o entendimento acerca do exposto, mesmo estando o pensamento e a ação do homem traspassado pela massificação da cultura, os seus saberes e fazeres em permanentes sujeições. A memória do grupo social ao qual o homem pertence responderá aos ditames da modernidade. Conforme Souza (2007, p.150), “[...] a tradição persiste onde menos se espera, e a modernidade guarda em si antigos ritos e costumes”.

Acerca desta afirmação, diz-se que em pleno século XXI, no nordeste brasileiro, mesmo com todo o aparato da tecnologia de ponta utilizada na mecanização da agricultura, ainda persistem os rituais da farinhada. Ainda se acende as fogueiras nas noites de São João, São Pedro e São Marçal. Os vaqueiros de São Raimundo dos Mulundus ainda aboiam para juntar e acalmar o gado, na passagem do pasto para o curral. Ainda se levanta o mastro em honra aos festejos dos santos e/ou santas, padroeiros e/ou padroeiras das localidades.

A memória do grupo é viva, resiste ao tempo e ao espaço. Segundo Ortz (2006, p.135), “[...] A memória coletiva é da ordem da vivência, [...] se aproxima do mito, e se manifesta ritualmente. [...] é partilhada pelos indivíduos que compõem a coletividade; [...] diz respeito à tradição”.

Conforme Berger e Luckmann (2011, p.36, grifo do autor),

[...] O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que exprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. Antes, portanto, de empreendermos nossa principal tarefa devemos tentar esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, a saber, as objetivações dos processos (e significações) subjetivas graças às quais é construído o mundo intersubjetivo do senso comum.

Tal referência abrange a compreensão da complexa relação de intimidade da pessoa com o mundo e seu entorno. A subjetividade contempla as mais variadas expressões da individualidade e dos contextos a que se pertence, em especial, as particularidades dos indivíduos, bem como as singularidades culturalmente compartilhadas e construídas nas experiências coletivas dos grupos sociais de pertencimento, seja no passado, presente e futuro.

Berger e Luckmann (2011, p.58, grifo do autor), afirmam que:

[...] A realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas. Estou constantemente envolvido por objetos que “proclamam” as intenções subjetivas de meus semelhantes, embora possa às vezes ter dificuldade de saber ao certo o que um objeto particular está “proclamando”, especialmente se foi produzido por homens que não conheci bem, ou mesmo não conheci de todo, em situação face a face”. [...] as intenções subjetivas de homens cuja sociedade pode ter sido extinta a milênios, é uma eloquente prova do duradouro poder das objetivações humanas.

Nesse caso, parece oportuno conversar com esses dois autores trazendo as cantigas de roda - canções cantadas e brincadas sem formalidades pelos avós, pais, irmãos, amigos -, enquanto práticas culturais que resistiram às intempéries do tempo, permitindo que a geração atual pudesse conhecer as coisas simples da vida das pessoas e dos lugares a que pertencem.

Os textos das cantigas de roda fazem alusão à locais de encontro, amores perdidos e encontrados, às escolhas de modos de vida. A composição dessa brincadeira de roda em círculo conduz os brincantes para o mundo dos afetos, da sedução, da parceria. Estreita os laços afetivos na condução da vida. As crianças aprendem a identificar e significar as suas subjetividades a partir da realidade social que as circundam.

Cascudo (2012, p.13), diz que: “de mão-em-mão, de boca-em-boca se faz: cada um improvisa, recria, deixa a sua marca, introduz novos padrões”.

As cantigas de roda, nesse contexto, não são meras canções engendradas por imaginações férteis. São, sim, proposições vivas de um tempo que não se calou às intencionalidades da modernidade. Elas são instrumentos, testemunhos dos saberes e das práticas recorrentes de uma coletividade, de um modo de pensar e de agir materializado também nos diferentes tipos de linguagens.

Saberes e práticas, nesse aspecto, são identificados nas singularidades de uma geração a outra, na interrelação e dinamicidade do convívio dos indivíduos com o mundo que o cerca, como afirmam Berger e Luckmann (2003, p.167),

[...] o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte da dialética da sociedade.

Sob esse olhar a vida cotidiana dos indivíduos responde ao tempo social e ao espaço em que se situam, e as cantigas de roda, consideradas herança cultural de um povo, são potencializadoras de diferentes formas de socialização e estimuladoras de novos hábitos, seja nas relações com a música, com a diversidade de brincadeiras, dentre tantas outras construções impressas pelas subjetividades de cada um ou do grupo social de que fazem parte.

2.1 Discutindo os saberes das práticas culturais e as suas intencionalidades

Em tempos de alta modernidade, vive-se nas fronteiras do imediatismo, em situação de globalidade e temporalidade trazida pela mídia, pelas indústrias da cultura, dos simulacros e dos ícones, tudo é efêmero, instável.

Ortiz (2007, p.11, grifo do autor), declara que:

[...] A situação de globalização caracteriza-se pela emergência do novo e pela redefinição do “velho”. Ambos se encontram inseridos no mesmo contexto; nele, diversas temporalidades se entrecruzam. Não é, pois, necessário opor tradição a modernidade, local a global. Importa qualificar de que tipo de tradição estamos falando (a tradição da modernidade ou as tradições dos inúmeros grupos indígenas) e pensá-las nas formas de sua articulação à modernidade-mundo. Da mesma maneira, o local e o nacional não devem ser considerados como dimensões em vias de desaparecimento; trata-se de entender como esses níveis são redefinidos. Na situação de globalização coexiste, portanto, um conjunto diferenciado de unidades sociais: nações, regiões, tradições e civilizações.

Tais situações redefinem modelos interpostas pela modernidade que se fundem na dimensão do passado e do presente, são predizíveis pela diversidade dos contextos das relações e das práticas sociais em que se inserem, sobretudo, porque coexistem enquanto produtoras e, ao mesmo tempo, dependentes de seus significados.

Giddens (2002, p.74) declara que: “Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos”. Essa proposição enseja o surgimento de condutas e perspectivas de caráter individual e social inscritos nas relações intersubjetividades com o coletivo e nos conceitos de parâmetros que os indivíduos têm de si mesmo, do que trazem de suas experiências nas trocas com mundo que o rodeia.

Berger e Luckmann (2011, p.37-39) consideram que:

[...] A consciência é sempre intencional; sempre “tende para” ou é dirigida para objetos. Nunca podemos aprender um suposto substrato de consciência enquanto tal, mas somente a consciência de tal ou qual coisa. Isto assim é, pouco importando que o objeto da experiência seja experimentado como pertencendo a um mundo físico externo ao apreendido como elemento de uma realidade subjetiva interior. [...] A realidade da vida cotidiana além disso apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência.

Nesse aspecto, os saberes das práticas culturais se apoiam e se articulam no universo de particularidades próprios dos modos de viver e de ser das pessoas, de incluir-se e de situar-se no mesmo contexto relacional de interdependência com o mundo.

Assim, o encontro da vida com o conhecimento, os espaços vividos e com os saberes indica intencionalidade desses saberes das práticas culturais, suas dimensões e interdependências com os lugares e o tempo, visto que estão configuradas pelos valores e pela complexa relação com a natureza e com a sociedade.

Com efeito, a intencionalidade está expressa no fazer da comunidade, da casa, da cozinha, da labuta na roça. No aproveitamento da matéria-prima para sua subsistência, homens, mulheres e seus filhos, de forma artesanal, ainda quebram o coco para trocar na quitanda por alimentos ou objetos que satisfaçam suas necessidades básicas. Ainda produzem o abano, a peneira, o cofo, o pilão. Mesmo usando relógios *made in* China, ainda cultiva suas crenças quando utilizam seus conhecimentos sobre o tempo para plantar e colher.

Observa-se, então, que as cantigas de roda são práticas culturais singulares brincadas e cantadas, seus textos são narrativas que expressam opiniões, sentimentos, modos de vida e valores do universo das ruas, cidades e regiões desse Brasil a fora.

Nessa perspectiva, as cantigas de rodas cantam os saberes próprios do cotidiano das pessoas, da convivência comunitária, se expressam no saber fazer partilhado, diz Cascudo(2012), estão presente na memória das gerações atuais. Portanto, são práticas culturais que, através da linguagem oral, do folclore interagem com o meio, persistem no tempo, mesmo já resignificadas, continuam no imaginário coletivo.

Nesse contexto, as cantigas de roda em tempos de alta modernidade mesmo que diluídas no caldeirão dos simulacros, residem apenas na memória coletiva dos que ainda teimam em buscar na linha do tempo elementos para a releitura e/ou reescrita dessas lembranças pueris.

3 CANTIGAS DE RODA - memórias e autorias

As cantigas de roda são brincadeiras tradicionais relacionadas ao folclore e têm suas raízes fincadas na cultura popular. São brincadeiras de autoria ignoradas, difundidas e

modificadas na poeira do tempo. Segundo Câmara Cascudo (2012, p.09), essas brincadeiras “difícilmente desaparecem e são das mais admiráveis constantes sociais transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguida pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto”

Convém ressaltar que os textos das cantigas de roda são reescritos de forma simples, dentro de uma temporalidade, preservam particularidades próprias do grupo, o que reforça o seu caráter dinâmico e cultural.

As cantigas de roda cantadas aqui no Brasil são brincadeiras de influências lusitana, espanhola, africana, ameríndia e francesa. São canções do cotidiano infantil e adulto, cantadas e brincadas com movimentos simples com formação em roda/círculo, que expressam em seus textos e melodias uma variedade de sentidos, pensamentos e modos de vida de gerações de oriundas etnias que aqui aportaram, assim como os já existentes.

Conforme FILHO (1985, p.14) as cantigas de roda,

[...] chegaram a nós, por tradição, como atividade da criança, em geral não acima de dez anos. [...] A partir desse momento, esse fato deve ter entrado como tal no processo de socialização pelo qual todo indivíduo passa aprendendo a visão de mundo dos seres mais velhos do que ela, a criança aprendeu, pois, que a brincadeira de roda deveria acompanhá-la até determinada idade apenas. [...] por tradição. [...] crianças mais velhas ensinando às mais novas.

Nesse sentido, as cantigas de roda são manifestações folclóricas que, conforme Câmara Cascudo (2012), registraram a identidade cultural dos indivíduos de um grupo, de um local e de um tempo. São memórias biográficas e autobiográficas transmitidas de geração em geração marcadas pelos acontecimentos vividos no cotidiano de uma comunidade.

Nessa feitura, as manifestações culturais como as cantigas de roda, em tempos de alta modernidade, foram deslocadas no tempo e no espaço, uma vez que os lugares e locais, que naturalmente seriam destinados para o lazer da criança, tornaram-se impróprios.

Os avanços tecnológicos, em especial, os meios de comunicação de massa, as redes sociais modificaram o uso do espaço e do tempo. As crianças, nestes tempos de uniformização, são encaixadas numa outra ordem social, numa situação onde o lazer é predito e prescritivo pela indústria do modismo, perdem muito cedo a naturalidade, a inocência. São deslocadas para além do seu lócus. Assumem subjetividades que o capital social impõe.

Segundo FILHO (1985, p.21)

[...] as atividades e os valores sociais sofrem profundas transformações, assim como a linguagem. O que é atual tem duração ligeira, é moda, é modismo; em questão de meses, semanas, dias (o tempo de duração de uma novela), as coisas se tornam ultrapassadas, novos anseios vão surgindo, novas mudanças de atitudes, de linguagem vão tomando conta das pessoas; as pressões sociais em favor do igual, da homogeneização, vão se tornando poderosas submetendo ao seu ritmo, a imaginação e a criação. Ou as coisas se ajeitam a esse ritmo todo ou tenderão ao desuso, ao esquecimento, à exclusão.

Portanto, essas cantigas de roda, como manifestações da cultura popular pertencentes a uma dada época, contribuíram de maneira significativa para a interpretação e reinterpretação das singularidades do povo, ampliando o seu poder de enraizamento espacial e temporal, sobretudo porque é resultante das memórias coletivas encravadas nos trilhos da tradicionalidade.

Sendo assim, acredita-se que a força da alta modernidade tem ocasionado efeitos de insatisfação, de instabilidade e até devastadores, mas também tem permitido os avanços necessários para a cura de doenças crônicas, na rapidez do deslocamento de pessoas, na democratização dos meios de comunicação e de acessibilidade, ainda que todas estas ações estejam eivadas pela intencionalidade do capital.

Segundo Giddens (1991), a modernidade instituiu os modelos de riscos e perigos das sociedades contemporâneas, são de natureza previsível e predizíveis, porque deles advêm as grandes invenções, a própria revolução científica em nome da liberdade, de uma maior autonomia dos indivíduos e da auto-realização da humanidade.

De acordo com Cascudo (2012, p. 256), [...] se for dada à criança a chance de escolher entre um sabugo de milho e um polichinelo para brincar ela ficará com o sabugo, pois este ela poderá transformar em qualquer coisa: boneca, carro, princesa, dragão; agora, o polichinelo será sempre a mesma coisa.

Tem que se acreditar nesta proposição de Cascudo, sobretudo porque há nela uma perspectiva que aponta os saberes oriundos das práticas culturais contidas nas ações do imaginar, do criar, do fazer, da combinação e interação com o outro, na satisfação de se conhecer e reconhecer capaz de realizar.

Neste sendo, escolheu-se as cantigas de roda *Pombinha voou e Fui ao tororó* com o propósito de observar a intencionalidade contida nas letras dos textos escritos e fazer uma reflexão à luz da alta modernidade de Giddens.

Tais cantigas de roda fazem alusão, de maneira bastante particular, sobre as crenças, valores, assim como também à natureza, ao amor, às frustrações, aos desejos de resgatar amores perdidos, ao respeito, ao consentimento, às amizades, aos afetos, aos desafetos, ao abandono e às punições.

No exemplo da cantiga de roda *Pombinha voou*, observa-se a presença dessas singularidades na letra:

POMBINHA

Pombinha, quando tu fores.
Me escrevas pelo caminho.
Se não achares papel.
Nas asas de um passarinho.
Do bico faz um tinteiro.
Da língua pena dourada.
Dos dentes letra miúda.
Dos olhos carta fechada.
A pombinha voou, voou, voou,
Ela foi embora e me deixou.

A cantiga *Pombinha voou* é cantada e brincada em roda. A letra conta uma situação relacional desejada, mesmo que a distância. Utiliza-se de metáforas para suscitar a correspondência do amor perdido, numa situação de abandono. O texto trabalha a idéia de carinho, afeto, pelo uso da palavra no diminutivo, *pombinha*, a pessoa do sexo feminino é quem está indo embora. Contudo há uma situação de cobrança, de posse e de exigência de respostas.

As metáforas usadas revelam uma carga muito grande de sentimentos: namoro, amor pudico, cheio de segredos - *dos olhos carta fechada*. Mas, ao mesmo tempo, utiliza-se da linguagem do corpo em movimento, da sensualidade - *asas, bico, dentes, olhos* -, para trabalhar a comunicação verbal manifestada como drama, conta o amor almejado escrito com uma *pena dourado*.

Nos versos: A *pombinha voou, voou, voou. Ela foi embora e me deixou*. A situação proclamada é de abandono é de desafeto, mas também de designações impróprias, uma vez que as palavras, *pombinha, passarinho* causam eufemismo, que somados aos movimentos podem ocasionar insinuações.

Já na observação da letra da cantiga de roda *Fui ao tororó*, pode-se depreender:

FUI AO TORORÓ

Fui ao tororó beber água e não achei
Achei bela morena que no tororó deixei
Aproveita minha gente que uma noite não é nada
quem não dormir agora dormirá de madrugada
Ó dona Maria
Ó Mariazinha
Entrarás na roda ou ficarás sozinha
Sozinha eu não fico nem hei de ficar
porque tenho o Paulinho para ser meu par
Deita aqui no meu colinho, deita aqui no colo meu
e depois não vá dizer que você se arrependeu.
Eu passei por uma porta seu cachorro me mordeu
não foi nada, não foi nada, quem sentiu a dor fui eu.

A cantiga *Fui ao tororó* é cantada e brincada em roda, com movimentos ritmados, como as marchinhas de carnaval. Faz um mergulho nas sutilezas e singularidades de um relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher. Retrata uma situação festiva de encontro e desencontro.

Em suas estrofes é possível observar as sátiras que retratam situações vividas de ansiedade, rejeição e abandono. Essa cantiga se apresenta com humor, de forma fantasiosa, e ao mesmo tempo narcísica - *Deita aqui no meu colinho, deita aqui no colo meu, e depois não vá dizer que você se arrependeu*. Nesses versos, pode-se observar também malícias e insinuações.

Aproveita minha gente que uma noite não é nada, quem não dormir agora dormirá de madrugada, esses versos denotam opção, escolha, mas também de exclusão, de aproveitamento de um situação.

Tanto *Dona Maria*, quanto a *Mariazinha* são chamadas para fazer uma escolha.

Nesse sentido, a criança ao cantar, brincar as cantigas de roda, estabelece intra e interrelações consigo e com os outros, movimenta-se de forma dinâmica, relacional e múltipla. Suas experiências lhe oportunizam, portanto, reelaborar, reinventar e adicionar, em seu processo de aprendizagem, todo o conhecimento inerente do contexto social em que está inserida.

Mário de Andrade (1988, p. 448) dizia que:

Pensar o outro torna-se, afinal, no Mundo Outro, o único modo de pensar a identidade: renunciando a priori a toda a coerência ou, melhor ainda, buscando na incoerência a única possível coerência, na metamorfose e na precariedade a única verdadeira persistência. A persistência do neutro dentro e através do múltiplo.

À luz desta citação, as cantigas de roda são brincadeiras que tem em suas letras a importância e o significado de experiências vividas na construção das subjetividades e intersubjetividades de homens e mulheres de seu tempo.

Sendo assim, apóia-se nas leituras dos autores aqui citados, as cantigas de roda representam o encontro com os contextos históricos e regionais, uma vez que textos, ritmos e melodias estimulam recordações perpassadas nas vivências das meninices e mocidades das gerações de um tempo e espaço. Isso faz delas uma forma socializadora de conhecimentos práticos, que representam uma realidade social comum, cunhada pelas intencionalidades do presente, passado e, também, do futuro, caso as gerações futuras se permitam conhecê-las e praticá-las.

Segundo FILHO (1985, p.142): “É dessa forma que, enquanto o novo se instala pela novidade do acontecimento, alguma coisa se mantém e constitui a tradição da cantiga, sua permanência”. Assim apesar das crescentes transformações históricas pelas quais passa o mundo, essa prática cultural perdura, de maneira peculiar ao tempo e espaço, inscrita na intencionalidade dos gestos, das falas, dos modos de viver o pensar das diferentes gerações.

CONCLUSÃO

A intenção deste estudo bibliográfico sobre as cantigas de roda em tempos de alta modernidade à luz das abordagens teóricas de Giddens, Ortiz, Berger e Luckmann, Câmara Cascudo, Jurado Filho e outros, é compreender o que os tempos considerados de alta modernidade trouxeram para os dias atuais.

Ao que parece, o que a modernidade promoveu, foi grandes transformações sócio-econômicas, políticas e culturais, determinadas pelo processo de globalização, a imprevisibilidade dos mercados de capital e a instabilidade das relações sociais e dos contextos locais e globais.

Portanto, as cantigas de roda, compreendidas como práticas culturais, pertencentes às tradições, gerações passadas e cultuadas pelas gerações em movimento, perduraram e atravessaram o tempo social e histórico, consubstanciadas pelos vínculos de afetos e valores, que circunscrevem as subjetividades do homem à luz de sua face pujante.

Em síntese, acredita-se que as cantigas de roda, em tempos de alta modernidade, coexistem na memória coletiva das gerações passadas, e também nas gerações das sociedades da informação e do consumo, sobretudo em lugares distantes dos grandes centros urbanos.

E em meio a ambientes altamente plastificados, engessados pelos riscos e perigos da alta modernidade, as práticas culturais constituem-se elemento de unificação de novos valores e subjetividades. É na releitura e/ou reescrita de novas possibilidades, modos de vida, que elas adotam a liberdade como princípio, a linguagem como veículo da comunicação social dos mundos e a natureza como fonte de inspiração da vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12 ed. São Paulo: Global, 1988,

JURADO FILHO, Lourenço. **Cantigas de roda: jogo, insinuação e escolha**. UNICAMP, 1985. (Tese de doutorado)

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Anotações sobre o universal e a diversidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed Rio de Janeiro: Record, 2011.

SOUZA, Ricardo Luiz. **Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sívio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras,